

Cientistas na favela: Uma reflexão sobre epistemologias da ação a partir “d’um saber corporal”¹

Scientists in the Favela: A Reflection on Action Epistemologies Based on “Embodied Knowledge” // Científicas en la favela: Una reflexión sobre epistemologías de la acción a partir de “un saber corporal”

Daniel Pires Mendes²

Filiación institucional (PPGeo-UERJ)

E-mail: daniel_mnd34@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4296-0531>

Camila Reis Tomaz³

Filiación institucional (PPGeo-UERJ)

E-mail: corporalidadeaafroindigena@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8191-1388>

Nilton Abranches Junior⁴

Filiación institucional (PPGeo-UERJ)

E-mail: niltonabranches07@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3940-2141>

Recibido: 30 de abril de 2025

Aprobado: 26 de julio de 2025



Como citar: Mendes, D. P., Reis Tomaz, C., & Abranches Junior, N. (2026). Cientistas na favela: Uma reflexão sobre epistemologias da ação a partir “d’um saber corporal”. *CorpoGrafías: Estudios críticos de y desde los cuerpos*, 13(13), pp. 150-160. DOI: <https://doi.org/10.14483/25909398.23579>

¹ Artícuo de reflexión

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atualmente cursando Educação Física na mesma instituição, com previsão de formatura para 2025. Integrou o Grupo de Estudos Saberes de Fresta (GESF GeoTales- UNIRIO, 2020-2022). Pesquisa diferentes expressões das relações entre sujeitos atletas de basquete amador e espaços de prática do esporte.

³ Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cursando Licenciatura na mesma instituição, com previsão de formatura para 2023. Instrutora de um ioga com atravessamentos ancestrais originários e afro diáspóricos há 11 anos, sendo 4 anos monitora na disciplina Fundamentos de Yoga, eletiva dos cursos de Educação Física da UFRJ. Pesquiso territorialidades na e da Conservação da Natureza, especialmente sobre as identificações com e a partir do Meio. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO, 2019-2021). Fundei e coordenei o Pré-Mestrado para GPs, posteriormente, co-fundei e co-coordenei o Grupo de Estudos Saberes de Fresta (GESF GeoTales- UNIRIO, 2020-2022). Fiz parte do Núcleo de Estudos Cultura Popular e Sociedade, criando sua identidade visual, rede social e materiais de divulgação científica preta (2020-2023). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com previsão de conclusão em 2026. Integro o Grupo de Trabalho Pesquisa e(m) Ação e o Núcleo de Estudos Território e Resistência na Globalização (ambos UFF) e o GeoCorpo (UERJ).

⁴ Bacharel e Licenciado em Geografia pela UERJ, mestre e doutor pela UFRJ, com pós-doutorado em Geografia Humana (UFRJ) e em Direitos Humanos (UFPB). É professor associado do Departamento de Geografia Humana, do Instituto de Geografia da UERJ- Maracanã. É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ/Maracanã, da linha de Cultura e Natureza.

Resumo

As reflexões constantes neste manuscrito partem da recepção de relato de experiência apresentado no *V Encontro Latino-americano de Investigadores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas*. A experiência, parte inicial de dissertação e meados de tese em andamento, gerou a apresentação que versou sobre aspectos da decolonialidade no pretendido fazer junto da pós graduação em pesquisa-ação em que a participação extrapola o lugar do junto e protagoniza a continuação das colonialidades acadêmicas. Retoma-se aqui o debate iniciado na escrita e continuado na apresentação, em diálogo com a disciplina “Geografias Subalternas: hegemonia e decolonialidade” cursada no Programa de Pós-Graduação em Geografia, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e as valiosas contribuições do Grupo de Trabalho “Corpos-corporalidades em imagens, representações, linguagens e comunicação”, no qual foi apresentado o relato. O objetivo deste manuscrito é contribuir com as reflexões sobre ações de extensão e pesquisa-ação pensadas para favelas no Rio de Janeiro, considerando as corporeidades e corpo-oralidades em espacialização nesse contexto. Consideraram-se, impreterivelmente, contradições e(m) diálogo corpo-espacó e epismetologias-metodologias compreendendo o território Favela e a cultura Acadêmica como dualidades hora complementares hora excludentes, em disputas via corpo, mediadas pela oralidade de proponentes dessas ações, formando assim uma encruzilhada corpo-oralidade-espacó-cultura.

Palavras-chave

Educação popular; geografias insurgentes; saberes corporais

Abstract

The reflections in this manuscript come from the reception

of an experience report presented at the *5th Latin American Meeting of Researchers on Bodies and Corporalities in Cultures*. The experience, which forms the initial part of a dissertation and the middle of a thesis in progress, dealt with aspects of decoloniality in the so-called doing together of postgraduate action research—where participation goes beyond the place of togetherness and leads to the continuation of academic colonialities. The debate began in the writing and continued during the presentation, in dialogue with the subject *Subaltern Geographies: hegemony and decoloniality*, taken in the Postgraduate Program in Geography at the State University of Rio de Janeiro (UERJ), and the valuable contributions of the working group *Bodies-corporalities in images, representations, languages and communication*, in which the report was presented. The aim of this manuscript is to contribute to reflections on extension and research-action actions designed for favelas in Rio de Janeiro, taking into account the corporealities and body-oralities in spatialization in this context. Contradictions and (in) body-space dialog and epismetologias-metodologias were taken into account, understanding the Favela territory and Academic culture as dualities that are complementary and excluding, in disputes via the body, mediated by the orality of the proponents of these actions, thus forming a body-orality-space-culture crossroad.

Keywords

popular education; insurgent geographies; body knowledge

Resumen

Las reflexiones de este manuscrito provienen de la recepción de un relato de experiencia presentado en el *V Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas*. La experiencia, que constituye la parte inicial de una tesis en progreso

de una tesis en curso, abordó aspectos de la decolonialidad en el llamado hacer juntos de la investigación-acción de posgrado, en el que la participación desborda el lugar de la convivencia y protagoniza la continuación de las colonialidades académicas. El debate se inició en la escritura y continuó en la presentación, en diálogo con la asignatura *Geografías Subalternas: hegemonía y decolonialidad* cursada en el Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad Estatal de Río de Janeiro (UERJ), y las valiosas contribuciones del Grupo de Trabajo *Cuerpos-corporalidades en imágenes, representaciones, lenguajes y comunicación*, en el que se presentó el informe. El objetivo de este manuscrito es contribuir a la reflexión sobre las acciones de extensión e investigación-acción diseñadas para las favelas de Río de Janeiro, considerando las corporalidades y cuerpo-oralidades en la espacialización en este contexto. Se tuvieron en cuenta las contradicciones y el diálogo (en) cuerpo-espacio y las epistemologías-metodologías, entendiendo el territorio favelado y la cultura académica como dualidades complementarias y excluyentes, en disputas a través del cuerpo, mediadas por la oralidad de los proponentes de estas acciones, formando así una encrucijada cuerpo-oralidad-espacio-cultura.

Palabras clave

educación popular; geografías insurgentes; saberes corporales

Agradecimentos

Aos integrantes GeoCorpo (UERJ) Prof. Dr. Arthur Marques Almeida Neto (UFPB), Prof. Dr. Jerônimo Vieira (UFCA), a mestrandona Juliana Gabrois (PPGEO/UERJ), Me. Carolina Pinho (PPGEO/UERJ), ao colega da antropologia local, o mestrandando Matheus Lucas Arcanjo (PPGA/UFMG), aos pares interlocutores do evento e no evento, em especial à Prof. Dra. María Laura Corvalán e ao Prof. Dr. Gabriel Lewin, por suas recepções e interlocuções com nosso trabalho, à Universidade Federal de Minas Gerais, à FAPERJ, à CAPES e à UERJ.

O Introdução

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), localizada na Zona Norte (ZN) da cidade, muito próxima aos acessos de estações de trem, metrô e rodeada por pontos de ônibus e praças públicas, se propõe enquanto espaço de produções críticas, em diálogo mais próximo com a classe trabalhadora e outras características que o fazer decolonial preconiza em suas epistemologias. Nesse sentido, a linha de Cultura da Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) da UERJ têm, em seus produtos publicados, reconhecida diversidade de perspectivas críticas alinhadas à culturas urbanas e rurais de, em e/ou com resistências ao sistema neoliberal, ao sistema capitalista como um todo, e algumas, à colonialidade. Este trabalho surge da construção de pesquisadores da UERJ, do PPGeo, da linha de Cultura que, em seu mestrado e doutorado, buscam trazer algo distinto do que o que se propõem as universidades mais progressistas como a UERJ em suas práticas ditas: pesquisadores autores deste se propõem à contra colonialidade, a partir de suas origens, suas práticas e suas cosmopercepções (Santos e Mayer, 2020) acerca da vida e do trabalho.

Iniciaremos portanto nos colocando em primeira pessoa, do plural que somos não apenas quanti, mas qualitativamente. E para isso, também nos apresentamos na qualidade de pesquisadores enquanto ofício que, independente do reconhecimento de agências reguladoras, o sabemos que somos. Portanto, somos pesquisadores no fazer, no dizer, no escutar, no ganho, na paga e no dia-a-dia em campo que também é nosso cotidiano, pois vimos de origens indígena e afroindígena, do axé e da espiritualidade que questiona o sistema que aí está via corpo e via algo mais, que a título de mais ampla tradução, chamaremos de alma.

As pesquisas que embasam o trabalho “Como fala pra contrair o abdômen?: um relato sobre estranhamentos entre linguagens, corporeidades e epistemologias” (Mendes e Reis, 2024) se construíram e seguem seus cursos a partir de leituras atravessadas por suas ancestralidades. Uma, se volta ao basquete de rua na ZN do Rio de Janeiro, parte periférica da cidade onde aspectos da ruralidade colonial permanecem nas favelas (Campos, 2005; Wagner e Duarte, 2015) e quintais da pista⁵ (Wagner e Duarte, 2015; Silva, 2022) a outra, sobre espacialidades de corpo-oralidades pretas como a Capoeira Angola e o Jongo, na mesma área da cidade (Reis e Barreto da Silva, 2022; Barreto da Silva e Reis, 2023). O trabalho apresentado, parte do encontro e desses atravessamentos, relata a experiência na construção de uma oficina de Yoga durante evento em favela na ZN e demonstra angústias do encontro entre pesquisadores e seus fazeres contracoloniais e a territorialização epistemológica universitária, fundamentando ações quando o espaço em disputa é a favela no Rio de Janeiro.

No mês de Novembro de 2024, buscando assistir uma referência que muito dialoga com o que pensamos, fazemos e fazemos pensar quando escrevemos ou falamos em espaços de construção ou partilha de conhecimentos (e aqui certamente não nos restringimos aos ambientes acadêmicos e tampouco nos reduzimos neles), Silvia Rivera Cusicanqui, nos inscrevemos no “V Encontro Latino-americano de Investigadores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas”, evento realizado na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, durante cinco dias.

O evento se iniciou com uma solenidade em ambientes do Serviço Social do Comércio - SESC local e continuou com oficinas, performances, mesas, apresentações de

trabalho e lançamentos de livro nas dependências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Campus Pampulha. Participamos da programação junto a colegas do grupo GeoCorpo, da UERJ, os quais também contribuíram com as reflexões com suas percepções do evento e partilhas das apresentações em Grupos de Trabalho (GTs) que participaram e afins, estando portanto devidamente mencionados em nossos agradecimentos.

A apresentação do trabalho, com dez *slides* contendo texto em tópicos, mapa localizando a favela em que a oficina aconteceu, ícones representativos dos elementos textuais de um resumo e palavras-chaves que auxiliavam a explanação desses elementos, contou com aproximadamente quinze minutos de fala e amplo debate em seguida. Perguntas como “Como são essas práticas (extensão universitária) aqui?” Qual é a dificuldade (da extensão universitária) no Brasil, e mais especificamente no Rio de Janeiro?”, feitas após nossas falas acompanhadas pelos slides, nos demonstraram que a experiência que relatamos foi compreendida como uma ação de extensão, ainda que nosso resumo informasse ser uma atividade de festival e que não tenhamos falado sobre a atividade relacionando-a à academia. Respondemos às questões a partir de Freire e Nogueira (1989), Freire (2014), hooks (2017), Ferreira (2022). Entretanto, também questionamos a interpretação feita e foi, a partir da conversa gerada pelo contexto defendido pelos autores do corpo chegar primeiro (que a fala, ou o que seja) que esta reflexão foi iniciada. Pois, ao que nos pareceu, por parte das corporeidades proponentes, organizadoras e participantes do festival serem acadêmicas, a ação se reproduziu identitária enquanto Academia, e, portanto o que esses corpos exerceram em território além muros universitários, foi lido como ação de extensão. Compreender nossa participação nessa interpretação se tornou objetivo fundamental da presente análise. Entretanto, não nos detivemos nele, pois à medida que aprofundamos a releitura

5 Como se chama a parte da cidade que não é favela.

de nossas anotações e refizemos nossa apresentação, tomamos por objetivo secundário a título cronológico, retomar as reflexões feitas após a apresentação com as recomendações feitas, em diálogo com o supervisor das pesquisas.

Como já sinalizado, compreendemos a pesquisa como o que fazemos enquanto seres ativos economicamente na cultura, o que faz com que em participações em eventos, nossa percepção do espaço produzido para a realização e as dinâmicas que nele ocorrem farão parte de nossas escritas, reflexões e reescritas futuras. Nesse sentido, este manuscrito apresenta adiante o percurso metodológico realizado para a construção dessa escrita que não se pretende final enquanto trabalho, mas conclui nossa participação no evento. Em seguida, revelamos as contribuições da disciplina que cursamos à época, das bibliografias do trabalho apresentado e das considerações realizadas. Por fim, retomamos o título e apresentamos nossas considerações sobre o encontro encruzilhante entre nossas falas de apresentação do trabalho, as falas da recepção ouvidas por nós e as reflexões que somente o lugar de escuta, sendo atenta e afetuosa, promovem.

“Como fala pra contrair o abdômen?”

O trabalho apresentado no evento se refere à uma oferta de prática de yoga, intitulada “Yoga para todas, todes e todos”, oferecida durante um festival promovido em favela da Zona Norte do Rio de Janeiro de maneira gratuita, aberta e divulgada como um convite a quem se interessasse, sem qualquer pré-requisito. O condutor da prática foi um homem de pele clara e traços reconhecidos de fenótipo indígena, tendo como apoio para organização do espaço e registros fotográficos uma mulher preta de mesmos fenótipos. Ambos se apresentaram antes da condução da prática por suas origens periféri-

ca e rural, respectivamente e utilizaram na contextualização da oferta, elementos de suas territorialidades em exercício (Abranches Junior e Almeida Neto, 2015), que confluíam com as territorialidades faveladas que conheciam dali.

Autor desta escrita, o proponente e condutor da prática e sua auxiliar, ambos corpo-oralidades originárias em contexto urbano, são pesquisadores na Pós-Graduação em Geografia e bolsistas na UERJ. Essas informações não foram anunciadas antes ou durante a prática relatada, entretanto, motiva o estranhamento que resultou no trabalho apresentado durante o Encontro de Investigadores de Corporalidades.

“Como fala pra contrair o abdômen?”, pergunta que intitula o relato da experiência reflexiva inicial dos proponentes da oficina, foi a primeira indagação feita na montagem da prática, cujo interesse era ser recebida, compreendida e vivida por qualquer corpo favelado e, portanto, deveria ser dialógica às suas corporeidades. Essa preocupação se demonstrou dispensável, pois o que o relato e, portanto a apresentação, destacaram foi a presença exclusiva de universitários na atividade.

O festival do qual a atividade fez parte foi amplamente divulgado em grupos e páginas de redes sociais e aplicativos de comunicação, sendo uma proposta que se autodeclarou autogerida a partir da favela. A realização do festival se deu em local de passagem para e pela favela e de fácil acesso via transporte público. A proposta se demonstrava como “aqueles ‘manhas’ de resistir em alguns momentos estratégicos”, que Freire e Nogueira (1989, p.23) descrevem acontecer no cotidiano rural e periférico, repetidamente, se organizando enquanto coletiva no fazer. E, assim, essas práticas coletivas “vão aprendendo e vão resistindo e vão realizando um saber corporal” (p.24). Em concordância e originário de muitas

dessas “lutas cotidianas”, o fazer proposto enquanto oficina de yoga se inspirou em corporalidades de “lutas de buscar pela água, lutas que têm sua forma de ensinar e aprender a sobrevivência” (p. 24). A oficina se idealizou para “em meio ao movimento, em meio às lutas” ser como “momentos de propor uma parada” e, assim como os autores, “paramos para nos perguntar: vamos ver o que tem acontecido? É momento de, com eles, rever” (p.27). Nesse sentido, a oficina se pensou para refletir as corporeidades faveladas e seus conhecimentos corporais a partir da educação popular mediada pela conscientização corporal em yoga.

A oficina foi realizada sobre longos panos sobrepostos, formando um espaço comum compartilhado pelos participantes, homens e mulheres (cis e trans), de diferentes universidades públicas do Rio de Janeiro. Apenas um morador da favela, também universitário, participou da atividade, este previamente convidado pelos proponentes. Devido a questões diversas do evento, a oficina começou com atraso de três horas e o espaço utilizado estava recebendo mutirão de reforma e cuidados por moradores durante a oficina.

Apesar dos convites para participarem, de aproximação, esclarecimento de dúvidas e troca de contatos terem acontecido, o mutirão para a reforma era tão parte do evento quanto a oficina e o espaço seria - e foi - muito utilizado depois por outras propostas e participantes. Logo, se tornou inviável a participação dos proponentes no mutirão durante a oficina e dos mutirantes na oficina, que foi realizada durante as reformas.

A preocupação dos proponentes com a adaptação da linguagem técnica, comumente utilizada pelo condutor em suas práticas com atletas em contexto de performance esportiva, para uma maneira mais ampla de comunicação, se demonstrou ingênuo frente ao mutirão aconte-

cendo durante a oficina. O interesse dos moradores em participar e a solicitação por uma repetição em outro momento ou lugar, a troca de contatos e as perguntas feitas ao condutor da prática sugeriram à equipe que a oferta em si era coerente com o interesse local. Por fim, a realização da oficina, que se propôs para público amplo e se construiu a partir de contextualização espacial, epistemológica e de linguagem, acabou por se demonstrar alegórica, visto que a estética dos corpos no chão em posições de “conforto”, “alongamento”, “descanso” e “meditação” como foram interpretados, parece ter sido o registro afetivo da prática para quem assistia, mas não se integrava. Assim surgiram nas dúvidas, nos comentários e nas descrições em agradecimentos após a prática. Da mesma forma, experimentar o chão favelado, ainda que sobre tecidos, e notá-lo confortável, pareceu ser espantoso para os que participaram e decidiram comentar sobre nos diálogos informais após a prática.

Recepção: e de Jesus, mais um blues⁶

O trabalho apresentado no evento foi escrito a partir de fundamentações teóricas que embasaram as pesquisas em curso, de Mestrado e Doutorado em Geografia na UERJ. A experiência relatada, entretanto, não foi de campo de nenhuma das duas pesquisas ou de evento relacionado ao nosso fazer científico. O Festival das Resistências, realizado na Favela da Maré no Rio de Janeiro-RJ, foi organizado e divulgado com participação de acadêmi-

⁶ O trabalho de Reis e Barreto da Silva (2022) intitulado “Jesus é Blues” e, aparentemente, eu também: o racismo epistêmico no acesso à academia decolonial.” versa sobre a experiência da autora de ser continuamente lida como uma intelectual decolonial sempre que se apresentava durante seu mestrado. Os autores apontam como o pressuposto branco é de que não há construção intelectual preta, ou esforço cognitivo na produção de conhecimento em corpo preto. Este, para uma branquitude que quer seguir renomeando e reterritorializando sujeitos pretos, se dá de forma inata, via sangue, passivamente. E assim, atualiza-se o epistemocídio preto, indígena e afroindígena, embranquecendo tudo que não deve ser compreendido sem o apoio de uma categoria branca de análise.

cos residentes da favela e, consequentemente, a oferta de inscrição e espaço de participação também se estendeu à academia (Mendes e Reis, 2024).

O que relatamos durante o GT “Corpos-corporalidades em imagens, representações, linguagens e comunicação” foram encruzilhadas encontradas por nós durante a elaboração da atividade que oferecemos no Festival, uma prática de yoga, em que pressupomos a participação de moradores do entorno, a reelaboração na oferta da atividade, em que estiveram os organizadores e colegas acadêmicos que ofertavam outras atividades, e, por fim, nossas considerações sobre melhores formas de condução e experimentação corpo-oral do espaço, além do entendimento de que nossa atividade foi na favela e não para ela ou com ela.

Quando terminamos nossa apresentação no GT, as perguntas e mediações feitas foram sobre a extensão universitária no Brasil, no Rio de Janeiro e, mais especificamente, a nível de Pós-Graduação e em contextos periféricos. O fato de nossa apresentação, que não aborda uma ação de extensão, levar a essa temática, nos chamou a atenção e, portanto, originou esta reflexão. Apesar da experiência com extensão na pós em formatos diversos (Reis et al, 2020), não nos atentamos para a semelhança das questões encontradas por nós durante o Festival também presentes em ações nos territórios externos à academia e, principalmente, nos territórios de outras ciências. Ao respondermos as primeiras perguntas, percebemos que a recepção ao trabalho vinha junto a uma expectativa de relato de práxis decolonial, por serem acadêmicos em uma favela, por ser yoga em um festival em favela e por se falar em resistência desde o título do evento. E essa foi uma segunda surpresa que decidimos refletir sobre, visto que, apesar de nossa origem, apresentada no início da fala, e de práticas contracoloniais éticas e estéticas anunciadas, não foi a primeira experiência

com a recepção de trabalho relacionado à oferta de atividade em periferia ser imediatamente ligado à decolonialidade (Reis e Barreto da Silva, 2023)).

É nesse sentido, que refletimos sobre textos recebidos, encontros e desencontros com referenciais práticos e bibliográficos da extensão universitária e de sua prática mais comum na pós-graduação, a metodologia de levantamento de dados muito utilizada como prática participativa, inclusiva e, para uma branquitude antirracista rasa, e por muitas vezes decolonial: a pesquisa-ação.

Geografias Subalternas, subalternizadas e subalternizantes

A disciplina “Geografias subalternas: hegemonia e decolonialidade”, oferecida pelo PPGEO da UERJ durante o primeiro semestre de 2024, aconteceu através de debates semanais em roda, a partir de leitura e apresentação de texto proposto. Em cada aula o debate inicial foi colocado a partir de dois discentes: um apresentando o texto e outro trazendo questões para o debate. A disciplina, em sua ementa, informa que tem por objetivo

explorar a relevância das geografias pós-coloniais, subalternas e decoloniais para a compreensão do mundo contemporâneo, bem como as ferramentas metodológicas e conceituais associadas a questões teóricas ou empíricas destes campos de estudo. Para isso, dividimos a disciplina em três partes dedicadas, respectivamente, ao pensamento pós-colonial, às reflexões referidas como estudos subalternos e, por fim, ao corpo teórico latino-americano dedicado a pensar a partir de uma perspectiva decolonial (UERJ, 2024)⁷.

Três textos da disciplina e reflexões registradas em cadernos durante os encontros embasam este manuscrito,

⁷ A ementa da disciplina foi enviada de maneira privada aos discentes inscritos.

tendo permeado o debate entre pesquisadores e supervisor de pesquisas após a apresentação do trabalho, mas não só. Os textos e as perspectivas geradas por suas leituras e debates também foram comentados e refletidos coletivamente com colegas⁸ e pares ao contarmos sobre a apresentação e recepção do relato de experiência. Trazemos a seguir as principais correlações e encontros entre referenciais da disciplina, referenciais de nossos fazeres e oportunos atravessamentos gerados no GT e inspiradores do presente estudo.

Maldonado-Torres (2018) comprehende a observação em perspectiva mais longa dos períodos e processos para compreensão da colonização e seus momentos, assim como suas reverberações, continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço. Nesse sentido, observa os grupos que foram colonizados vivendo atravessados por continuidades desse processo e não por sua finalização. Assim, trazemos a perspectiva do ativista decolonial, que se faz indispensável em nosso esforço intelectual (Maldonado Torres, 2018) de refletir junto em momento de paragem dos fazeres, sobre o que nosso corpo construiu durante a coletivização da prática, como propuseram Freire e Nogueira (1989).

Driver (2014:2022, p.176) afirma que “a geografia é uma disciplina que sempre teve uma reputação de ser ‘pé no chão’” e ainda, que “a percepção sobre a “origem da disciplina no mundo material muitas vezes associa a imagem de um geógrafo com a de um ativo pesquisador, mais engajado com o mundo do que distante dele”. Apesar de hoje em dia poucos geógrafos se considerarem esses tais exploradores, o autor ainda defende a impor-

⁸ Como já mencionado, não nos limitamos em nosso cotidiano de pesquisa e fora dela, tampouco o faremos aqui, em considerar o conhecimento construído apenas a partir das referências teóricas validadas internamente. Construímos e reconstruímos conhecimentos cotidianamente com referências validadas pelo cotidiano em si e assim reconhecemos colegas que nem sempre pares em nossas reflexões crítico-epistemológicas como pessoas com quem conversamos sobre teorias, práticas e práticas.

tância da educação geográfica pelo aspecto do engajamento. Quando mencionada a origem dos proponentes acadêmicos do evento, assim como dos participantes, a Geografia figurou como justificativa, método e fundamentação teórico-militante da proposta e de seus resultados. O fato de profissionais e pessoas em formação na Geografia pensarem o evento no formato que foi, participarem com suas turmas e convidarem extensões para a programação de atividades, assim como da divulgação predominante ter sido via grupos acadêmicos da área, foi percebido na apresentação como natural, visto que parte dos pesquisadores da geografia se relaciona⁹ com a favela com frequência, seja morando em alguma delas, seja frequentando em momentos de diálogo (direto ou indireto) com suas pesquisas. O que pode ter fugido ao estranhamento é a normalização da chegada em massa da academia em espaços em que não habita o fazer acadêmico e o quanto as corporeidades acadêmicas podem reterritorializar esses espaços levando consigo as identidades territoriais com as quais se relacionam prioritária ou originalmente.

Driver (2014:2022) defende que, para além do quanto nos identificamos e em que grau nos consideramos pertencentes ao lugar que nascemos, a uma ou outra religião e a certa geração, o quanto somos identificados pelos demais desses grupos é fator determinante para a construção identitária. Chamamos atenção durante o relato para a diferença entre o “cria” e o “morador”, explicada por Nêgo Bispo em uma de suas muitas falas para (também) a academia¹⁰, em que um está integrado e defen-

⁹ E, apesar da educação geográfica para o engajamento que o autor defende ser presente por exemplo na UERJ em muitas disciplinas, pode-se perceber alguma distância do engajamento prático no estágio em docência apresentado por Reis e Abranches Junior (2023) quando o assunto é favela. Mesmo localizada na Zona Norte, e com perspectiva crítica mais explicitamente defendida em seus eventos e produções, a UERJ não necessariamente forma pesquisadores engajados no ativismo cotidiano da periferia em que ela mesma pode se inserir, dependendo da perspectiva em observação.

¹⁰ Ver mais em <https://www.instagram.com/rocadequilombo/> Acesso em 28.Abr.25.

dendo seu pertencimento, se relacionando ativamente com a manutenção do espaço que co-produz na favela e o outro, passivamente se mantém no espaço que precisa estar pelo motivo que seja. Incluímos nessa distinção os pesquisadores, muitos deles estrangeiros, que vão morar nas favelas. E que, por mais que se integrem com longo tempo de permanência ou se habituem a um cotidiano parcial de morador, ao se propor co-produtor do espaço, introduz mais e mais acadêmicos em locais e linguagens de cria, oferecendo acessos que nem a eles pertencem.

Para Driver (2014:2022), culturas são imaginadas, significados inventados assim como os de “outros aspectos da identidade, tais como as concepções de masculinidade e feminilidade, corpos com ou sem deficiência, branquitude e negritude ou loucura e sanidade” (p.179). Portanto, para a construção de uma identidade favelada acadêmica legitimar um corpo que exerce territorialidades de opressão ser legítimo em seus fazeres, bastaria a intelectualidade hegemônica assim descrevê-lo.

Roy (2017), entretanto, apresenta a ação do sujeito subalternizado em uma virada importante nos registros dos espaços da cidade, saindo do lugar de limite do assunto que merece ser mencionado e indo para o lugar de quem menciona, não só a si mesmo, como descreve seus espaços vividos. Compreendido o sujeito subalternizado como contador de suas histórias e, portanto, apresentada a lacuna geográfica e corpo-territorial em histórias anteriores, o território favela é anunciado e o corpo que o identifica e/ou por ele é reconhecido, para nós passa a ser disputado.

A autora ainda chama atenção para uma teoria em que as economias em favela e territórios de organização similar seriam empreendedoras e defende nesse empreendedorismo a resposta coletiva e organizada a ausências socioeconômicas governamentais nesses espaços (Roy,

2017). Lourenço (2024), geógrafo, favelado, preto, e professor de pré vestibular social e da educação básica, constrói em sua dissertação identidades faveladas em relação a justamente essa responsividade nas agências quanto a resistência ou manutenção do status quo. Roy (2017) comenta que, a partir de valores inventados para o moderno, se determinaram valores para o primitivo e, assim, diferenciou-se não apenas o que é Natureza do que é evoluído e sinal de progresso, mas também que lugar é destinado a cada ser no mundo. Isso, em diálogo com as agências de Lourenço (2024), posiciona os favelados mais passivos quanto a mudança construída e empreendida por auto organização de certa forma interdependentes de uma academia efetivamente engajada e produtora e/ou co-produtora de conhecimentos coletivos de resistência, como os do cotidiano observados nos anos 80 por Freire e Nogueira (1989).

Em nosso caso, na oferta da oficina relatada no trabalho de Mendes e Reis (2024), a proposta pautada na Educação Popular se dava por seus fazeres interdependentes aos seus pensares acadêmicos. Como ambos são pesquisadores de origens cuja ruralidade é latente, a linguagem escolhida para o debate do espaço favela e da diferença via corpo se deu como continuidade do cotidiano pré atravessamentos da academia.

Roy (2017) descreve a potencialidade das Geografias Imaginativas no aspecto da representação de espaços que acabam por orientar a interpretação do mundo e, com isso, interferem ativamente nas escolhas atitudinais das pessoas. No exemplo da favela e da oficina relatada, o proponente e sua auxiliar foram preparados para adaptar a linguagem. No debate após a apresentação perguntam se o pressuposto era de que a linguagem técnica do yoga poderia ser distante para a favela. Não. Nossa linguagem seria, pois apesar da relação frequente com algumas favelas, não nos originamos nelas e, muito menos, na que

fomos oferecer a proposta. Esse momento nos fez considerar a diversidade dos territórios favelados e como as Geografias Imaginativas de um Território Favela limita a compreensão da diferença quando um corpo que nasceu lá pode ser lido morador, que se relaciona diariamente com a favela, e não necessariamente cria mesmo que tenha sido criado nela. E, ainda. Como um corpo que é cria, construiu esse lugar, ativamente, não sendo a passividade de um observador participante, por exemplo, considerada postura tão ativa assim, para fora da academia. Relembamos ainda Freire e Nogueira (1989) quando apontam o momento de respiro no cotidiano como uma parte do cotidiano em que se insere a reflexão mediada na educação popular. E não uma pausa intencional para educar. A educação se dá em todo o cotidiano. E, para os autores, a mediação acontece integrada a esse todo. Seguindo essa trilha de pensamento, a ação poderia ser uma proposta de reflexão coletiva sobre a resistência cotidiana exercida pelos corpos que se poriam em prática se fossem esses os corpos que estivessem presentes na oficina.

Buscamos abordar até aqui a importância do engajamento consciente em quem pesquisa na favela, sendo externo à ela, assim como a relevância de produções de crias faveladas e possíveis riscos de produções de moradores fortalecidos por uma academia que se pretende ativista até um limite teórico. Compreendemos com as contribuições da disciplina cursada, o tempo destinado e a generosidade da mediação no debate do GT, que os limites entre o que as pessoas realmente fazem no mundo e a forma como representaremos esses fazeres está mediado pela reflexão no tempo do respiro acadêmico, aonde coletivamente debatemos e podemos, assim como o povo- que somos!!!- aprender cotidianamente.

Referências

- Abranchedes Junior, N., & Almeida Neto, A. M. (2015). Religião, gênero e território: discursos midiáticos da Parada Gay de São Paulo. *Espaço e Cultura*, (38), 205–224. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/29076>. Acesso em 29 jun. 2023.
- Barreto da Silva, R. M., & Reis, C. T. (2023). Pretas masculinidades: saberes escrevidos. In C. C. Dias, L. Barbosa, & R. Conceição (Orgs.), *Vozes negras nas artes* (Vol. 1). Editora Desalinho.
- Campos, A. (2005). Do quilombo à favela: A produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.
- Driver, F. (2024). Geografias imaginativas. *Espaço e Cultura*, 1(51). <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2022.81444>. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/81444>.
- Freire, P., & Nogueira, A. (1989). *Que fazer? Teoria e prática em educação popular* (2ª ed.). Vozes.
- Freire, P. (2014). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Ferreira, T. (2022). *Pedagogia da circularidade: Ensinagens de Terreiro*. Digitaliza Conteúdo.
- hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* (Vol. 2). WMF Martins Fontes.
- Lourenço, L. A. F. (2023–2024). *Maré: Tecendo identidades através do território* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense. Disponível em https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_dcbfb367b015f10ee994275bb1868490.

Maldonado-Torres, N. (2018). Analítica da colonialidade e da decolonialidade: Algumas dimensões básicas. In J. Bernardino-Costa, N. Maldonado-Torres, & R. Grosfoguel (Orgs.), *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico* (1^a ed., Coleção Cultura Negra e Identidades). Autêntica Editora.

Mendes, D. P., & Tomaz, C. R. (2024). "Como fala pra contrair o abdômen?": Um relato sobre estranhamentos entre linguagens, corporeidades e epistemologias. In *Caderno de Resumos do Encontro Latino-americano de Investigadores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas* (Anais). UFMG. Disponível em <https://www.even3.com.br/ebook/vencontrocorposbrasil2024/844673-COMO-FALA-PRA-CONTRAIR-O-ABDOMEN--UM-RELATO-SOBRE-ESTRANHAMENTOS-ENTRE-LINGUAGENS-CORPOREIDADES-E-PISTEMOLOG>.

Reis, C. T., & Abranches Junior, N. (2023). Marco temporal e escreventes: Territorialidades, Maré-RJ e povos em movimento. *Anais do Encontro Regional de Ensino de Geografia*, 25–36. Disponível em <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/ereg/article/view/3934>

Reis, C. T., & Barreto da Silva, R. M. (2022). "Jesus é Blues" e, aparentemente, eu também: O racismo epistêmico no acesso à academia decolonial. In *Anais do ST 18- Ensino e Produção de Ciência e Tecnologia Negrorreferenciadas. XII COPENE. Democracia, PODER e Antirracismos*. Disponível em <https://www.copene2022.abpn.org.br/anais/trabalhos/anais01?simposio=228#C>

Reis, C. T., Vinolo, B. de La Vega, Casemiro, Í. de P., Matschuck, T. C., Miranda, S. S. M., & Ponciano, L. C. M. de O. (2020). "Se tem o dobro, convide": Uma experiência de partilha na pós-graduação. In *Anais do 9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária: Redes para promover e defender os Direitos Humanos* (pp. 2486–2487). Disponível em <https://www.ufmg.br/cbeu/wp-content/uploads/2022/09/AnaisCBEU-ufmg-unifal-com.pdf>

Roy, A. (2017). Cidades faveladas: Repensando o urbanismo subalterno. *E-metropolis*, 8(31), 6–21. Disponível em http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/233/original/emetropolis31_capa.pdf?1513866648

Santos, A. B. dos, & Mayer, J. (2020). Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos. *Indisciplinar*, 6(1), 52–69. <https://doi.org/10.35699/2525-3263.2020.26241>. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/26241>

Silva, S. K. R. (2022). A alma do quintal: Moradores, ancestrais, rituais e enraizamentos. In A. Rocha, B. Vinolo, & J. Santos (Orgs.), *O Despertar das Consciências: Experiências no debate étnico-racial e antirracista em projetos de educação não formal*. Sesc RJ.

Wagner, S. G., & Duarte, C. R. (s.d.). A ambiência peculiar do lugar quintal nas residências da zona norte do Rio de Janeiro. *Revista Interfaces*, 22, 89–96. Disponível em <https://www.academia.edu/download/93418323/477887347.pdf>



Viaje. Darcy Ordóñez "tomate de carne" 2025